

Domingo IV do Tempo Comum - Ano C – 02 fevereiro 2025

Festa da Apresentação do Senhor



Viver a Palavra

Quarenta dias após o nascimento de Jesus, cumprindo as prescrições da Lei de Moisés (Ex 13,11-13), «*Maria e José levaram Jesus a Jerusalém, para O apresentarem ao Senhor*». Jesus, o Verbo feito carne, assume a nossa natureza humana, assumindo uma família concreta e um Povo concreto, cumprindo as tradições e prescrições determinadas pelo Deus de Israel. Como afirma a Carta aos Hebreus Ele «*devia tornar-Se semelhante em tudo aos seus irmãos, para ser um sumo sacerdote misericordioso e fiel no serviço de Deus, e assim expiar os pecados do povo*».

Somos salvos e redimidos porque amados por um Deus que não é indiferente às nossas dores e sofrimentos. No meio das trevas e sombras da nossa frágil condição irrompe a Luz esplendorosa de Cristo. A Festa da Apresentação do Senhor reveste-se de alegria, luz e esperança porque Jesus Cristo venceu as trevas do pecado e nos ilumina com a esplendorosa luz do Seu amor e da Sua graça. A bênção e procissão das velas prevista no início da celebração deste dia recordam-nos que Jesus apresentado no templo por Maria e José se «*exteriormente cumpria as prescrições da lei, na realidade vinha ao encontro do seu povo fiel*».

Na verdade, esta festa na Igreja Oriental recebe o nome de Festa do Encontro (*Hypapantê*) sublinhando o encontro de Deus com o Seu Povo agradecido, mas também de Maria, José e Jesus com Simeão e Ana. Em Jesus Cristo, Deus encontra-se com o Seu Povo, estabelece uma proximidade absolutamente nova, pois, no Verbo de Deus Incarnado, a Terra e o Céu encontram-se e contemplamos na nossa humanidade o próprio Deus, tal como tinha profetizado Malaquias: «*vou enviar o meu mensageiro, para preparar o caminho diante de Mim*».

Conduzidos por S. Lucas a Jerusalém, contemplamos Simeão e Ana. Simeão, cujo nome significa «Escutador» e Ana, cujo nome significa «Graça». Simeão, «*homem justo e piedoso*», que movido pelo Espírito Santo vive a espera confiante do Messias e Ana, «*filha de Fanuel, da tribo de Aser*», que servia no Templo. Simeão e Ana são para nós duas figuras paradigmáticas da arte de acolher Jesus e de O comunicar aos outros com alegria e entusiasmo.

Acolhendo Jesus em seus braços, Simeão alegre-se e proclama um belíssimo hino de louvor porque os seus olhos puderam contemplar a salvação prometida a Israel. Como Simeão, também nós somos convidados a aprender a arte de acolher Jesus na nossa vida, nos nossos braços, porque Ele toca a nossa carne e a nossa existência. Jesus continua a vir ao nosso encontro de múltiplas formas e somos convidados a erguer o nosso olhar, a viver de braços abertos e coração disponível para acolher agradecidos o Deus que vem. A alegria do acolhimento de Jesus nas nossas vidas abre-nos à exigência do Seu seguimento: «*este Menino foi estabelecido para que muitos caíam ou se levantem em Israel e para ser sinal de contradição; – e uma espada trespassará a tua alma – assim se revelarão os pensamentos de todos os corações*». Mas a exigência do caminho não nos faz desanimar! Caminhamos de lâmpadas acesas, porque o Verbo de Deus desfazendo as trevas e sombras passageiras da nossa existência nos conduz à Luz plena e verdadeira.

Deste modo, acolher Jesus na nossa vida como Simeão implica comunicá-Lo aos outros com a maravilha e o entusiasmo de Ana que «*começou também a louvar a Deus e a falar acerca do Menino a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém*». A quantos esperam uma palavra de consolação e esperança, a quantos

procuram um sentido novo para as suas vidas, nós somos chamados a anunciar Jesus Cristo, Luz que ilumina todos os Povos e fonte de Salvação para todo o género humano. *in Voz Portucalense*

+++++

O Papa São João Paulo II instituiu o **Dia Mundial da Vida Consagrada** na data em que a Igreja celebra a **Festa da Apresentação do Senhor**. Deste modo, **no Domingo, dia 2 de fevereiro, a Igreja celebra o XXIV Dia Mundial da Vida Consagrada**. Esta data é uma ocasião propícia para dar graças a Deus pelo dom da vida consagrada, mas também para rezar pelas vocações à vida consagrada. Deste modo, cada comunidade paroquial poderá assinalar este dia de diferentes modos: uma vigília de oração, um encontro com testemunhos dos diferentes carismas da vida consagrada, a visita a alguma comunidade religiosa, entre outros.

+++++

Já no **Tempo Comum**, continuamos um novo Ano Litúrgico – Ano C - onde seremos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -**, **acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos –Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Malaquias 3,1-4

Assim fala o Senhor Deus:

**«Vou enviar o meu mensageiro,
para preparar o caminho diante de Mim.**

Imediatamente entrará no seu templo

o Senhor a quem buscais,

o Anjo da Aliança por quem suspirais.

Ele aí vem – diz o Senhor do Universo –.

Mas quem poderá suportar o dia da sua vinda,

quem resistirá quando Ele aparecer?

Ele é como o fogo do fundidor

e como a lixívia dos lavandeiros.

Sentar-Se-á para fundir e purificar:

purificará os filhos de Levi,

como se purifica o ouro e a prata,

e eles serão para o Senhor

os que apresentam a oblação segundo a justiça.

Então a oblação de Judá e de Jerusalém será agradável ao Senhor,

como nos dias antigos, como nos anos de outrora.

CONTEXTO

O nome "Malaquias" não é um nome próprio. A palavra significa "o meu enviado". É o título tomado por um profeta anónimo, sobre o qual praticamente nada sabemos e que se apresenta como "enviado" de Javé.

Esse profeta exerceu a sua missão em Jerusalém, no período pós-exílico. O Templo já havia sido reconstruído (cf. Ml 1,10) e o culto já funcionava — ainda que mal (cf. Ml 1,7-9. 12-13). No entanto, o entusiasmo pela reconstrução estava apagado. Desanimado ao ver que as antigas promessas de Deus (veiculadas por Ezequiel e pelo Deutero-Isaías) não se tinham cumprido, o Povo tinha caído na apatia religiosa e na absoluta falta de confiança em Deus. Duvidava do amor de Deus, da sua justiça, do seu interesse por Judá. Todo este ceticismo tinha repercussões no culto (cada vez mais desleixado) e na ética (multiplicavam-se as falhas, as injustiças, as arbitrariedades). Este quadro, posterior à restauração do Templo, situa-nos na primeira metade do séc. V a.C. (entre 480 e 450 a.C.), muito próximo da época de Esdras e Neemias.

Malaquias, o "mensageiro de Javé" reage vigorosamente contra a situação em que o Povo de Judá está a cair. Defende intransigentemente os valores judaicos, a fé dos antepassados; aponta o dedo aos sacerdotes, aos levitas e a outros responsáveis pelo culto, denunciando o seu desleixo e venalidade; profetiza a chegada do tempo em que se oferecerá a Deus um culto puro e santo; coloca cada pessoa diante das suas responsabilidades para com Javé e para com o próximo; exige a conversão do Povo e o afastamento da idolatria; condena veementemente os casamentos mistos (entre judeus e não judeus), que fazem perigar a fidelidade a Javé. A sua

lógica é a lógica deuteronomista: se o Povo se obstinar em percorrer caminhos de infidelidade à Aliança, voltará a conhecer a morte e a infelicidade, como aconteceu num passado recente; mas se o Povo se voltar para Javé e cumprir os mandamentos, voltará a gozar da vida e da felicidade que Deus oferece àqueles que seguem os seus caminhos.

O texto de Malaquias que hoje nos é oferecido faz parte de uma perícopes que avisa os habitantes de Jerusalém para a inevitabilidade do juízo de Deus: vai chegar o "Dia do Senhor", esse momento decisivo em que Deus colocará cada pessoa diante das suas responsabilidades e retribuirá a cada um conforme os seus merecimentos (cf. Ml 2,17-3,5). *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Na Festa da Apresentação do Senhor, Malaquias “apresenta” o Senhor que vem para purificar o seu Povo e inaugurar um tempo novo, o tempo da nova Aliança. Esta “vinda” mostra que Deus não se conforma com a apatia, o imobilismo, o comodismo, a instalação, o derrotismo que nos impedem de avançar em direção à vida plena; mostra como Deus nunca desiste de nos desafiar à conversão, à renovação, à construção de uma vida mais feliz e realizada. Malaquias compara a intervenção purificadora de Deus com o “fogo do fundidor”, que destrói as escórias e faz aparecer os metais preciosos, ou com a “lixívia dos lavandeiros” que queima, desinfeta, tira as nódoas, purifica e deixa as roupas limpas. Quais são as escórias e os lixos que cobrem a nossa vida e obscurecem a nossa condição de filhos e de filhas de Deus? Quais são as manchas que temos de limpar com lixívia para que a nossa vida brilhe sempre com a brancura de Deus? Estamos disponíveis para acolher as interpelações e desafios purificadores que Deus nos traz?
- Podemos entender a referência que Malaquias faz à purificação dos “filhos de Levi”, a fim de que eles apresentem a Deus um culto renovado e purificado, como um convite à purificação da nossa forma de viver e de celebrar a fé. Muitas vezes “dizemos” a nossa fé com um conjunto de ritos religiosos meramente exteriores, ociosos e vazios, secos e estéreis, que não envolvem o nosso coração e a nossa mente; muitas vezes a nossa forma de viver a fé é uma simples repetição de práticas religiosas tradicionais, de orações decoradas e descoradas, que não expressam o nosso amor e a nossa comunhão com Deus; muitas vezes as nossas celebrações, cheias de pompa e circunstância, são apenas o cumprimento de um folclore religioso que a tradição consagrou... Como podemos purificar a nossa forma de viver e de celebrar a fé? O que teremos de fazer para que as nossas celebrações sejam mais autênticas? As nossas eucaristias são um verdadeiro encontro com Jesus e com os irmãos com quem partilhamos a fé? Depois de celebrar a eucaristia voltamos para a nossa vida transformados, menos egoístas e mais comprometidos com a construção do Reino de Deus?
- A profecia de Malaquias concretiza-se plenamente quando Jesus entrou na nossa história e se apresentou no meio de nós. Ela fornece-nos uma chave de leitura para entendermos Jesus, o seu mistério, as suas palavras, os seus gestos, o seu projeto. Como acolhemos e concretizamos o convite à purificação, à conversão (“convertei-vos e acreditai”) que Jesus veio deixar-nos? O que valem para nós os apelos que Jesus nos lançou para vivermos desprendidos dos bens, para servirmos de forma simples e humilde os irmãos que precisam de nós, para nos libertarmos do nosso egoísmo, da nossa vaidade e das nossas manias de grandeza? Qual o peso que tem na nossa forma de viver a lição da cruz, da entrega total ao serviço do projeto de Deus, do dom total de si próprio por amor? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 23 (24), 7.8.9.10 (R. 10b)

Refrão: O Senhor do Universo é o Rei da glória.

**Levantai, ó portas, os vossos umbrais,
alteai-vos, pórticos antigos,
e entrará o Rei da glória.**

Quem é esse Rei da glória?

**O Senhor forte e poderoso,
o Senhor poderoso nas batalhas.**

**Levantai, ó portas, os vossos umbrais,
alteai-vos, pórticos antigos,
e entrará o Rei da glória.**

Quem é esse Rei da glória?

**O Senhor dos Exércitos,
é Ele o Rei da glória.**

LEITURA II – Hebreus 2,14-18

**Uma vez que os filhos dos homens
têm o mesmo sangue e a mesma carne,
também Jesus participou igualmente da mesma natureza,
para destruir, pela sua morte,
aquele que tinha poder sobre a morte, isto é, o diabo,
e libertar aqueles que estavam a vida inteira
sujeitos à servidão,
pelo temor da morte.
Porque Ele não veio em auxílio dos Anjos,
mas dos descendentes de Abraão.
Por isso devia tornar-Se semelhante em tudo aos seus irmãos,
para ser um sumo sacerdote misericordioso e fiel
no serviço de Deus,
e assim expiar os pecados do povo.
De facto, porque Ele próprio foi provado pelo sofrimento,
pode socorrer aqueles que sofrem provação.**

CONTEXTO

O escrito a que chamamos “Carta aos Hebreus” parece ser, mais do que uma carta, um sermão ou discurso destinado a ser proclamado oralmente. Não sabemos quem foi o seu autor. A tradição das Igrejas do oriente atribui-o a Paulo; mas as Igrejas do ocidente há muito que descartaram a autoria paulina deste documento: a forma literária, a linguagem, o estilo, a maneira de citar o Antigo Testamento e mesmo a doutrina exposta estão bastante longe de qualquer outro escrito paulino. Pensa-se que teria sido elaborado por um cristão anónimo – talvez um discípulo de Paulo – que, no entanto, conhecia muito bem o Antigo Testamento.

A tradição antiga põe os “hebreus” como destinatários deste escrito; porém, não há qualquer indicação, ao longo do escrito, de que o texto se destinasse especificamente a cristãos oriundos do mundo judaico. É verdade que refere constantemente o Antigo Testamento; mas o Antigo Testamento já era, à data em que a Carta aos Hebreus apareceu, património comum de todos os cristãos, seja os de origem judaica, seja os de origem pagã. Tratava-se, em qualquer caso, de comunidades cristãs em situação difícil, expostas a perseguições e que viviam num ambiente hostil à fé... Os membros dessas comunidades perderam já o fervor inicial pelo Evangelho, deixaram-se contaminar pelo desânimo e começam a ceder à sedução de certas doutrinas não muito coerentes com a fé recebida dos apóstolos... O objetivo do autor deste “discurso” é estimular a vivência do compromisso cristão e levar os crentes a crescer na fé. Teria sido elaborado nos anos que antecederam a destruição da cidade de Jerusalém (que ocorreu no ano 70), uma vez que o autor se refere à liturgia do Templo como uma realidade ainda atual. É provável, portanto, que tenha aparecido por volta do ano 67, muito perto da altura em que Paulo e Pedro foram martirizados em Roma.

A Carta aos Hebreus apresenta – recorrendo à linguagem da teologia judaica – o mistério de Cristo, o sacerdote por excelência – através de quem os homens têm acesso livre a Deus e são inseridos na comunhão real e definitiva com Deus. O autor aproveita, na sequência, para refletir nas implicações desse facto: postos em relação com o Pai por Cristo/sacerdote, os crentes são inseridos nesse Povo sacerdotal que é a comunidade cristã e devem fazer da sua vida um contínuo sacrifício de louvor, de entrega e de amor. Desta forma, o autor oferece aos cristãos um aprofundamento e uma ampliação da fé primitiva, capaz de revitalizar a sua experiência de fé, enfraquecida pela acomodação e pela perseguição.

O texto que nos é proposto, pertence à primeira parte da carta (Heb 1,5-2,18). Aí, o autor apresenta o mistério de Cristo, o Filho de Deus que é muito superior aos anjos e que o Pai enviou ao mundo para que apresentasse aos homens uma proposta de vida e de salvação. Nesta secção, o autor da carta reflete sobre o “kerigma” tradicional cristão: Deus glorificou o seu Filho Jesus, ressuscitando-O de entre os mortos, depois de Ele ter assumido a sorte dos homens e de se ter identificado com eles até ao extremo da morte na cruz. Mais especificamente, na perícopa de Heb 2,10-18, o “catequista” procura explicar porque é que o plano do Pai previa que Jesus tivesse de passar pela cruz, aparecendo como um homem sofredor e aniquilado, despido das suas prerrogativas divinas. Na perspetiva do autor do texto, a morte de Cristo não foi um absurdo, um capricho, um acidente; mas foi algo que se insere e que se explica no contexto do plano salvador de Deus. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Esta história de um Deus que aceitou cancelar as suas prerrogativas divinas para vir ao nosso encontro, assumir as nossas fragilidades e limitações, enfrentar a nossa insensatez e o nosso egoísmo, entregar a sua própria vida para que nós descobrissemos a verdadeira vida, é uma história quase incompreensível para quem a tenta ler à luz dos nossos critérios e da nossa lógica humana; mas é uma história que ilustra, sem deixar margem para dúvidas, a intensidade e a radicalidade do amor de Deus por nós. Na Festa da Apresentação do Senhor somos convidados a olhar para esse “Senhor” que se apresenta na nossa história “armado” de um desígnio de amor, para nos abrir as

portas da família de Deus e da vida em plenitude. Como é que esta realidade influi na nossa vida? É fonte de alegria, de esperança, de coragem? Como é que respondemos à iniciativa de Deus? Tentamos ser testemunhas, no meio dos nossos irmãos, desse Deus que nos ama de uma forma tão absoluta e tão comprometida?

- Porque é que Jesus teve de passar pela cruz? Porque quis enfrentar os mecanismos de maldade, de injustiça, de violência e de morte que destruíam a vida dos seus irmãos; porque quis mostrar-nos que a vida deve ser vivida em registo de dom total, de amor até ao extremo; porque quis olhar a morte de frente e derrotá-la para que nós nunca mais tivéssemos medo dela; porque quis selar com a sua morte trágica a sua entrega ao projeto de Deus e o seu amor aos homens. Dando a vida, Cristo “expiou” os nossos pecados: agiu sobre nós no sentido de transformar a nossa condição débil e pecadora e de nos levar a viver uma vida plenamente transformada. Como vemos a morte de Cristo? Que efeitos tem ela em nós? A contemplação da entrega de Cristo leva-nos a viver num dinamismo de amor e de vida nova? A vitória de Jesus sobre a morte liberta-nos do medo e leva-nos a olhar para a vida com mais confiança?
- Jesus experimentou a nossa fragilidade e os nossos limites; solidarizou-se com todos os homens e mulheres, independentemente do lugar que a sociedade lhes atribuía. Esteve especialmente do lado dos mais frágeis, dos mais pequenos, dos mais esquecidos. O seu exemplo convida-nos à solidariedade com os últimos, com os pobres, com os mais humildes, com aqueles que o mundo rejeita e marginaliza; convida-nos a identificarmo-nos com os sofrimentos e as angústias, as alegrias e as esperanças de cada homem ou mulher; convida-nos a fazer o que estiver ao nosso alcance para promover aqueles que são humilhados, explorados, incompreendidos, colocados à margem da vida e da história. Sentimo-nos solidários com os irmãos e as irmãs que fazem caminho connosco, especialmente com aqueles dos quais ninguém cuida, que ninguém quer, que ninguém defende? Sentimos que as dores e feridas que fazem sofrer os nossos irmãos também são nossas? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – Lucas 2,22-40

Ao chegarem os dias da purificação, segundo a Lei de Moisés, Maria e José levaram Jesus a Jerusalém, para O apresentarem ao Senhor, como está escrito na Lei do Senhor:

«Todo o filho primogénito varão será consagrado ao Senhor», e para oferecerem em sacrifício um par de rolas ou duas pombinhas, como se diz na Lei do Senhor.

Vivia em Jerusalém um homem chamado Simeão, homem justo e piedoso, que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava nele.

O Espírito Santo revelara-lhe que não morreria antes de ver o Messias do Senhor; e veio ao templo, movido pelo Espírito.

Quando os pais de Jesus trouxeram o Menino, para cumprirem as prescrições da Lei no que lhes dizia respeito, Simeão recebeu-O em seus braços e bendisse a Deus, exclamando:

«Agora, Senhor, segundo a vossa palavra, deixareis ir em paz o vosso servo, porque os meus olhos viram a vossa salvação, que pusestes ao alcance de todos os povos: luz para se revelar às nações e glória de Israel, vosso povo».

O pai e a mãe do Menino Jesus estavam admirados com o que d’Ele se dizia.

Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua Mãe:

«Este Menino foi estabelecido para que muitos caiam ou se levantem em Israel e para ser sinal de contradição; – e uma espada trespassará a tua alma –

assim se revelarão os pensamentos de todos os corações».

Havia também uma profetisa,

Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser.

Era de idade muito avançada

e tinha vivido casada sete anos após o tempo de donzela

e viúva até aos oitenta e quatro.

Não se afastava do templo,

servindo a Deus noite e dia, com jejuns e orações.

Estando presente na mesma ocasião,

começou também a louvar a Deus

e a falar acerca do Menino

a todos os que esperavam a libertação de Jerusalém.

Cumpridas todas as prescrições da Lei do Senhor,

voltaram para a Galileia, para a sua cidade de Nazaré.

Entretanto, o Menino crescia,

tornava-Se robusto e enchia-Se de sabedoria.

E a graça de Deus estava com Ele.

CONTEXTO

O interesse fundamental dos primeiros cristãos não se centrou na infância de Jesus, mas na sua mensagem e proposta; por isso, a catequese cristã dos primeiros tempos interessou-se, de forma especial, por conservar as memórias da vida pública e da paixão do Senhor.

Só num estágio posterior houve uma certa curiosidade acerca dos primeiros anos da vida de Jesus. Coligiram-se, então, algumas informações históricas sobre a infância de Jesus; e esse material foi, depois, amassado e trabalhado, de forma a transmitir aquilo que a catequese primitiva ensinava sobre Jesus e o seu mistério. O chamado “Evangelho da Infância” (de que faz parte o texto que nos é hoje proposto) assenta nessa base; parte de algumas indicações históricas e desenvolve uma reflexão teológica para explicar quem é Jesus. Nesta secção do Evangelho, Lucas está muito mais interessado em dizer quem é Jesus, do que em contar-nos factos memoráveis da sua infância.

Lucas propõe-nos, no Evangelho que a liturgia desta festa nos propõe, o quadro da apresentação de Jesus no Templo de Jerusalém. Segundo a Lei de Moisés, todos os primogénitos (tanto dos homens como dos animais) pertenciam a Javé e deviam ser oferecidos a Javé (cf. Ex 13,1-2.11-16). O costume de oferecer aos deuses os primogénitos é um costume cananeu que, no entanto, Israel transformou no que dizia respeito aos primogénitos humanos: estes não deviam ser oferecidos em sacrifício, mas resgatados por um animal, que seria imolado ao Senhor.

De acordo com Lv 12,6-8, quarenta dias após o nascimento de uma criança, esta devia ser apresentada no Templo, onde a mãe oferecia um ritual de purificação. Nessa cerimónia, devia ser oferecido um cordeiro de um ano (para as famílias mais abastadas) ou então duas pombas ou duas rolas (para as famílias de menores recursos).

A cena desenrola-se no Templo de Jerusalém. Construído por Salomão, no séc. X a.C., o Templo tinha sido destruído no ano 586 a.C., quando os babilónios conquistaram Jerusalém e levaram a população da cidade para o Exílio. Reconstruído depois do Exílio, por ação de Zorobabel, em moldes bastante modestos, o Templo era, para os judeus, o grande centro religioso do judaísmo, o lugar onde Deus residia no meio do seu Povo. No séc. I a.C. Herodes, para agradar aos judeus, propôs-se restaurá-lo. As obras começaram no ano 19 a.C. e continuaram por largos anos. O Templo dessa época – da época de Jesus – acabaria por ser destruído no ano 70, quando as tropas romanas comandadas por Tito sitiaram e destruíram Jerusalém. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Não é raro, no meio de tantas vicissitudes que marcam este século em que nos tocou viver, que nos sintamos desorientados e à deriva, como se a história do mundo e dos homens nos escapasse das mãos e não soubéssemos bem para onde devemos dirigir os nossos passos. Quem nos mostrará o terreno firme onde poderemos sentir-nos seguros? Quem nos guiará na viagem atribulada da história e da vida? Na Festa da “Apresentação do Senhor”, Jesus é-nos apresentado como “a salvação colocada ao alcance de todos os povos”, a “luz para se revelar às nações e a glória de Israel”, o messias com uma proposta de libertação para todos os homens. Que eco é que esta “apresentação” de Jesus encontra no nosso coração? Jesus é, de facto, a luz que ilumina as nossas vidas e que nos conduz nos caminhos do mundo? Ele é, para nós, o caminho certo e inquestionável para a salvação, para a vida verdadeira e plena? É nele que colocamos a nossa ânsia de libertação e de vida nova? Caminhamos atrás dele, certos de que o caminho que Ele propõe conduz à vida plena? Se tantos homens ignoram a “luz” libertadora que Jesus veio acender ou não se sentem interpelados

pelo projeto de Jesus, a culpa não será, um pouco, do nosso imobilismo, da nossa instalação, do nosso "cinzentismo" na vivência da fé, da forma pouco entusiasta como damos testemunho?

- Simeão e Ana, os dois anciãos que acolhem Jesus no Templo de Jerusalém, são pessoas atentas ao Deus libertador que vem ao seu encontro e que sabem ler os sinais de Deus naquele menino que chega. Não vivem centrados em futilidades, não “gastam o tempo” de vida que ainda têm em atividades inconsequentes, não aceitam viver instalados numa reforma dourado que os afasta do mundo e os dispensa de colaborar no projeto de Deus para o mundo e para os homens. Atentos à voz do Espírito, vivendo em diálogo contínuo com Deus, detetam a chegada de Deus e testemunham diante dos seus conterrâneos a presença salvadora e redentora de Deus no meio do seu Povo. São pessoas que cultivam a intimidade com Deus, que escutam Deus, que se esforçam por perceber as indicações de Deus e que são sinais vivos de Deus na vida daqueles que se cruzam com eles. Sabem que, enquanto caminharem na terra, são chamados a dar testemunho de Deus e do seu projeto salvador. Através deles a luz de Deus brilha no mundo e ilumina o mundo. É assim que nós vivemos também? Procuramos entender os sinais de Deus e sermos testemunhas ativas, no meio do mundo, de Deus e do seu projeto de salvação?
- Quer Simeão, quer a profetiza Ana, são pessoas de bastante idade. Mas não vivem de recordações, voltados para o passado, a carpir mágoas porque se sentem velhos e fragilizados. Têm memória das antigas promessas de Deus; mas vivem de olhos postos no presente, preocupados em ver como no “hoje” da história dos homens Deus concretiza as suas promessas de salvação; e, quando descobrem a presença de Deus, proclamam-na com alegria e entusiasmo. Os anciãos – quer pela sua maturidade, sabedoria e equilíbrio, quer pelo tempo de que normalmente dispõem – podem ser testemunhas privilegiadas dos valores de Deus, intérpretes dos sinais de Deus, profetas credíveis que obrigam o mundo a confrontar-se com os desafios de Deus. É preciso que não vivam voltados para o passado, refugiados numa realidade que aliena, transformados em “estátuas de sal”, mas que vivam de olhos postos no futuro, de espírito aberto e livre, pondo a sua sabedoria e experiência ao serviço da comunidade humana e cristã, ensinando os mais jovens a distinguir entre o que é eterno e importante e o que é passageiro e acessório. Aqueles de entre nós a quem Deus concede a graça de uma vida longa, é assim que vivem? Comunicam alegria, otimismo, fé, esperança num futuro onde Deus está presente?
- Lucas apresenta-nos neste episódio evangélico uma família – a Sagrada Família – em que Deus é a referência fundamental. Por quatro vezes (vers. 22.23.24.27), Lucas refere, a propósito da família de Jesus, o cumprimento da Lei de Moisés, da Lei do Senhor ou da Palavra do Senhor. A família de Jesus, Maria e José é, portanto, uma família que escuta a Palavra de Deus e que constrói a sua existência ao ritmo da Palavra de Deus e dos desafios de Deus. Maria e José sabiam que uma família que escuta a Palavra de Deus e que procura responder aos desafios postos por essa Palavra é uma família com um projeto de vida com sentido; e sabiam que uma família que se deixa guiar pela Palavra de Deus é uma família que se constrói sobre a rocha firme dos valores eternos. Que importância é que Deus assume na vida das nossas famílias? Procuramos que cada membro das nossas famílias cresça numa progressiva sensibilidade à Palavra de Deus e aos desafios de Deus? Encontramos tempo para reunir a família à volta da Palavra de Deus e para partilhar, em família, a Palavra de Deus?
- Quando numa família Deus “conta”, os valores de Deus passam a ser, para todos os membros daquela comunidade familiar, as marcas que definem o sentido da existência. O espaço familiar torna-se, então, a escola onde se aprende o amor, a solidariedade, a partilha, o serviço, o diálogo, o respeito, o cuidado, o perdão, a fraternidade universal, o cuidado da criação, a atenção aos mais frágeis, o sentido do compromisso, do sacrifício, da entrega e da doação... São esses valores – os valores de Deus – que procuramos cultivar na nossa comunidade familiar?
- Segundo a Lei judaica, todo o primogénito devia ser consagrado e dedicado ao Senhor. Também Jesus é apresentado no Templo e consagrado ao Senhor. Nas nossas famílias cristãs há normalmente uma legítima preocupação com o proporcionar a cada criança condições ótimas de vida, de educação, de acesso à instrução e aos cuidados essenciais.... Haverá sempre uma preocupação semelhante no que diz respeito à formação para a fé e em proporcionar aos filhos uma verdadeira educação para a vida cristã e para os valores de Jesus Cristo? Os pais cristãos preocupam-se sempre em proporcionar aos seus filhos um exemplo de coerência com os compromissos assumidos no dia do Batismo? Preocupam-se em ser os primeiros catequistas dos próprios filhos, transmitindo-lhes os valores do Evangelho? Preocupam-se em acompanhar e em potenciar a formação e a caminhada catequética dos próprios filhos, em inseri-los numa comunidade de fé, em integrá-los na família de Jesus, em consagrá-los ao serviço de Deus?
- Depois daqueles momentos gloriosos no Templo de Jerusalém, o plano salvador de Deus “escondeu-se” naquela pobre casa de família, na aldeia de Nazaré, onde viviam Maria, José e Jesus.

O projeto salvador de Deus concretiza-se muitas vezes longe das luzes da ribalta, na simplicidade das nossas vidas, das nossas famílias, das nossas casas, das nossas aldeias e cidades. Estamos conscientes disso? Somos capazes de ler os sinais e perceber o acontecer da salvação de Deus na nossa vida simples de todos os dias? *in Dehonianos*

Para os leitores:

A primeira leitura possui diferentes frases em discurso direto que devem ser introduzidas e proclamadas como tal. Pede-se especial cuidado com a proclamação da frase interrogativa que tendo apenas um ponto de interrogação possui duas orações interrogativas.

A segunda leitura possui frases muito longas e com diversas orações. Além disso, tendo em conta a densidade do texto proclamado deve ter-se atenção às pausas e respirações para uma melhor compreensão do texto.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)